

A FISIOLOGIA E O PROBLEMA DO VALOR NA GENEALOGIA DE NIETZSCHE

THE PHYSIOLOGY AND THE PROBLEM OF VALUE IN NIETZSCHE'S GENEALOGY

CLADEMIR LUÍS ARALDI¹

UFPel - Brasil
clademir.araldi@gmail.com

RESUMO: Este artigo pretende investigar como Nietzsche articula os fatos fisiológicos com os valores humanos em sua genealogia da moral. A partir das análises da primeira dissertação da *Genealogia da moral* mostra-se como os 'fatos fisiológicos' são utilizados pelo genealogista para criticar a moral do ressentimento. A questão crucial está em estabelecer em que sentido o conhecimento da Fisiologia pelo genealogista Nietzsche fornecerá uma solução satisfatória ao problema do valor.

PALAVRAS-CHAVE: Fisiologia. Valor. Genealogia. Psicologia. Impulsos.

ABSTRACT: *This article intends to investigate how Nietzsche articulates the physiological facts with the human values in your genealogy of morals. From the analysis of the first essay of On the Genealogy of Morals is shown how 'physiological facts' are used by the genealogist to criticize the moral of resentment. The crucial question is to establish in what sense the knowledge of Physiology by the genealogist Nietzsche will provide a satisfactory solution to the problem of value.*

KEYWORDS: *Physiology. Value. Genealogy. Psychology. Drives.*

Em *A genealogia da moral*², Nietzsche analisa os valores morais a partir de sua procedência histórica e de seu enraizamento em impulsos e hábitos. Os valores morais cristãos são o alvo privilegiado de sua investigação, pelo fato de que eles teriam se originado do ressentimento, de impulsos que enfraquecem a vida. Nesse sentido, ele valora os impulsos 'naturais' como sendo superiores às virtudes sociais do homem civilizado, pressupondo que o poder de afirmar interesses individuais é uma valoração superior ao altruísmo. A abordagem do mecanismo psicológico do ressentimento, articulada a estudos históricos amplos, é mais desenvolvida ao longo primeira dissertação da *Genealogia da moral* do que a fisiologia. O modo como Nietzsche conclui esta dissertação, no entanto, nos leva a repensar a importância da fisiologia em relação ao problema de estabelecer o valor das valorações existentes. A psicologia do ressentimento seria um tanto vazia, sem a

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

² Serão usadas as seguintes abreviaturas para citar as obras de Nietzsche: HH (*Humano, demasiado humano*), A (*Aurora*), GC (*A gaia ciência*), BM (*Além do bem e do mal*), GM (*Genealogia da moral*), EH (*Ecce homo*) e FP, para os fragmentos póstumos por nós traduzidos da *Kritische Studienausgabe* (KSA).

abordagem genealógica de suas ‘causas’ fisiológicas efetivas. É justamente no final da dissertação que essa necessidade é admitida. E é precisamente a relação entre fatos e valores que é ali pouco desenvolvida.

I

No penúltimo parágrafo (GM I, 16), o Filósofo-Genealogista da moral ensaia uma conclusão (“*Vamos concluir.*”), com a determinação da terrível luta milenar por poder, travada entre os dois **valores** contrapostos: o “bom e mau” [*gut und böse*] da moral dos escravos e o “bom e ruim” [*gut und schlecht*] da moral dos nobres. Enquanto genealogista, contudo, ele termina a Primeira Dissertação de um modo mais modesto, com várias perguntas ainda sem resposta. As reticências do final do parágrafo 16, depois da indicação cheia de esperanças a Napoleão, “síntese de monstro e super-homem [*Unmensch e Übermensch*]...” pretendem incutir nos leitores que a luta ainda não acabou, que o ideal nobre ainda subsiste, e teve uma recente encarnação. Com Napoleão, a senha do “*privilégio dos raros*” foi contraposta à “senha mentirosa do ressentimento”.

A luta e o diálogo continuam no início do parágrafo 17:

– Então acabou? O maior entre os conflitos de ideais foi relegado *ad acta* por todos os tempos?

Nietzsche não apenas *descreve* historicamente esse conflito (de Judeia contra Roma), mas se *engaja*, e exige engajamento de seus leitores nessa oposição moral. Ele instiga seus leitores a promoverem o reinício dessa luta, a reacender o “antigo fogo” desse conflito de valores, demarcando bem os campos antagônicos. O Nietzsche Filósofo se coloca ‘além do bem e do mal’ (*Jenseits von Gut und Böse*), deixando bem claro o que pretende com essa sua *própria* perigosa senha.

A pausa considerável do final do parágrafo 17³ [– –] parece, a meu ver, dirigida mais ao próprio Nietzsche, para a importância dessa questão, dessa luta, seu silêncio e interrupção proposital ao seu desenvolvimento. As várias questões propostas (duas delas seguidas de reticências...) já indicam o caminho a seguir, qual seja, promover o velho conflito de ideais.

Entretanto, o *genealogista* Nietzsche conclui a Primeira dissertação com uma nota, na qual expressa *publicamente* ‘um desejo’: que alguma faculdade de filosofia tome para si o mérito de promover os estudos *histórico-morais* (...). Essa seria uma tarefa voltada a filólogos, a historiadores e aos ‘profissionais da filosofia’:

Que indicações fornece a ciência da linguagem, em especial a pesquisa etimológica, para a história da evolução dos conceitos morais? (GM I, 17).

³ Acerca do uso do travessão duplo e simples na obra de Nietzsche, cf. STEGMAIER: 2012, p. 175-177. Stegmaier distingue o uso do travessão do uso das reticências, no contexto do livro V de *A gaia ciência*. Considero que o uso do travessão no final da frase se aplica também à *Genealogia da moral*, para indicar tanto uma pausa, quanto uma interrupção na investigação do tema, no caso, da luta dos valores contrapostos.

Nenhuma surpresa com esse “desejo” tornado público, pois trata-se de um aprofundamento de temas pouco desenvolvidos na primeira dissertação. Interessante, contudo, o que vem depois. Note-se que o último parágrafo começa e termina com um travessão.

– É igualmente necessário, por outro lado, fazer com que fisiólogos e médicos se interessem por esse problema (o do *valor* das valorações até agora existentes): no que pode ser deixado aos filósofos profissionais representarem os porta-vozes e mediadores também neste caso particular, após terem conseguido transformar a relação entre filosofia, fisiologia e medicina, originalmente tão seca e desconfiada, num intercâmbio dos mais amistosos e frutíferos. De fato, toda tábua de valor, todo “tu deves” conhecido na história ou na pesquisa etnológica, precisa primeiro de uma clarificação e interpretação *fisiológica*, ainda mais que psicológica; e cada uma delas aguarda uma crítica por parte da ciência médica.

Entretanto, todas as explicações e interpretações da medicina e da fisiologia já expressariam posições valorativas. Não há uma ciência neutra, pois toda ciência, inclusive a fisiologia, opera, sem admitir, com valores tidos como evidentes. Esse é o aspecto distintivo do problema do valor em Nietzsche. Em todos os organismos são construídos valores. Assim, é possível falar de “valores biológicos”, para referir à atividade dos impulsos, sua aptidão para reproduzir-se, para preservar e expandir seu poder. Seriam, no fundo, “valores intrínsecos ao organismo”⁴. A dificuldade de Nietzsche está em realizar a transição do estudo (descritivo) dos valores para justificação dos valores e modos de valorar dos filósofos do futuro, ou seja, de *seus* próprios valores. Cada valor tem uma meta; por isso, o ‘valor biológico’ intrínseco de cada organismo é sua aptidão para manter ou expandir seu poder. Mesmo admitindo a complexidade do desenvolvimento e da transmissão dos valores, Nietzsche pretende ordenar os valores a partir de uma perspectiva hierárquica, segundo a qual os valores que tornam doente o organismo (ou apenas conservam a raça) são inferiores aos valores que favorecem a saúde e elevam o poder do mesmo:

A questão: que vale esta ou aquela tábua de valores, esta ou aquela “moral”? deve ser colocada das mais diversas perspectivas; pois “*vale para quê?*” jamais pode ser analisado de maneira suficientemente sutil. Algo, por exemplo, que tivesse valor evidente com relação à maior capacidade de duração possível de uma raça

⁴ Essa é a expressão utilizada por John Richardson (“*intrinsic value to the organism*”). Richardson questiona o modo como Nietzsche parte dos fatos para chegar aos valores. A nota da GM I, 17 mostraria como Nietzsche funde os sentidos factuais com os valorativos. Primeiramente, Nietzsche analisa quais são os “fatos genealógicos” (*genealogical facts*) sobre os valores, mostrando como fisiólogos e médicos avaliam. Por isso, ao tratar de “fatos fisiológicos”, o genealogista tem em mente esses valores que são simultaneamente um tipo de fatos. Consideramos relevante o modo como Richardson trata da metaética em Nietzsche, a saber, a interface entre os fatos fisiológicos e seus próprios valores. Nesse sentido, Nietzsche critica a ciência por assumir certos valores em seu operar. Sua genealogia pretende mostrar os fatos fisiológicos presentes na história dos valores. Para isso, ele precisa da ajuda de fisiólogos e médicos que não estejam comprometidos com posições valorativas prévias, o que ele mostra ser impossível. Esse é o ponto em que Nietzsche extrapola sua investigação naturalista dos valores: ele não explica por que as avaliações dos filósofos são superiores às dos cientistas. No fundo, ele afirma que sua genealogia é uma explicação melhor dos fatos. Para isso, a criação de *seus* novos valores, também deveria informar os fatos e perspectivas avaliativas de que provém. Cf. RICHARSON, 2004, p. 109-111.

(ou ao acréscimo do seu poder de adaptação a um determinado clima, ou à conservação do maior número) não teria em absoluto o mesmo valor, caso se tratasse, digamos, de formar um tipo de homem mais forte. O bem da maioria e o bem dos raros são considerações de valor opostas: tomar o primeiro como de valor mais elevado *em si*, eis algo que deixamos para a ingenuidade dos biólogos ingleses... *Todas* as ciências devem doravante preparar o caminho para a tarefa futura do filósofo, sendo esta tarefa assim compreendida: o filósofo deve resolver o *problema do valor*, deve determinar a *hierarquia* dos valores. –

O genealogista aplica as noções próprias de saúde e doença do organismo individual para a sociedade ou raça, compreendidas como organismo social. Assim, ele transpõe conceitos fisiológicos para o âmbito da moral⁵. E também transpõe termos morais, como mandar e obedecer, para o âmbito da fisiologia. Com isso fica claro, como mostrou Gregory Moore, que a admissão da supremacia das ciências naturais determina o novo rumo das investigações éticas e políticas de Nietzsche, seu “naturalismo evolutivo”⁶. Os âmbitos da moralidade, da cultura, da política e da biologia seriam para Nietzsche aspectos de um mesmo fenômeno natural. Os conceitos de saúde e doença se aplicam tanto ao organismo biológico quanto ao organismo social. É assim que ele entende que os valores da moral cristã teriam adoecido o corpo inteiro da humanidade, causando a “degeneração global do homem” (BM, 203) em animal de rebanho. Se a moral alterou profundamente a fisiologia do ser humano, tornando-o doente e decadente, Nietzsche quer imprimir uma nova marca à ‘evolução humana’. Visto que o animal homem é um tipo ainda não fixado, a genealogia de Nietzsche envolveria ainda uma teleologia, à medida que ele propõe ser possível orientar a “evolução” no sentido do refinamento do egoísmo. A verdadeira e soberana individualidade, contudo, surgiria das tensões do rebanho, inerentes ao organismo social. Apenas alguns dominariam as artes de comandar e obedecer a si mesmos, a partir de valores nobres. É esse modo de ordenar as relações de poder que constitui a aristocracia do corpo, e que serve também para avaliar a sociedade e a cultura.

Nietzsche recorre a fisiólogos e médicos, no entanto, como *meios* para a *sua* tarefa de Filósofo, qual seja, a de determinar o *valor* das valorações até agora existentes. O fato de colocar entre travessões essa ordenação, e projetá-la como “tarefa futura do Filósofo”, indica que Nietzsche reconhece a enormidade de sua tarefa, que demandaria muito tempo. Entretanto, a luta teria começado, e o **Filósofo** Nietzsche já teria entrado nela, com sua perigosa senha “Além do bem e do mal” [*Jenseits von Gut und Böse*]. Essa tarefa tão necessária requer também muita preparação, pois os filósofos especialistas (*Fach-Philosophen*) seriam mediadores, de modo a tornar frutífera a relação entre fisiologia, medicina e filosofia. Nesse “intercâmbio”, a *fisiologia* parece assumir importância maior entre as ciências (até mesmo sobre a psicologia, que a ela ficaria subsumida), para auxiliar o filósofo a resolver o *problema do valor*. À diferença de *BM 23*, em que a psicologia é

⁵ Recordemos como Nietzsche compreende a moral: “Moral, entendida como as relações de dominação sob as quais se origina o fenômeno “vida” (BM 19)

⁶ Para G. Moore, a influência do darwinista alemão E. Haeckel foi decisiva para essa guinada, como uma “tentativa de construir uma teoria secular da natureza humana, na forma de um reducionismo biológico”. (MOORE, 2002, p. 26-28). Nesse sentido, a biologia seria a “base natural” para a ética.

entronada como “rainha” das ciências. Note-se que a psicologia não é desenvolvida aqui em fisiopsicologia [*Physio-Psychologie*], como é anunciado no final do primeiro capítulo de *Além do bem e do mal*.

Retomemos o início da nota de *GMI*, 17. Para esta tarefa criativa do Filósofo, é necessário que fisiólogos e médicos (*Mediciner*) se dediquem ao problema do valor das valorações até agora existentes. Investigarei as consequências dessa ênfase na fisiologia para a crítica da moral cristã e para a criação de novos valores não morais.

II

Se cada dissertação da *Genealogia da moral* revela, ao final, “uma nova verdade”⁷, a primeira dissertação contém e expressa a psicologia do cristianismo. Em termos mais específicos: o cristianismo (os valores morais cristãos) teria nascido a partir do espírito do ressentimento⁸. Nietzsche não forneceu uma abordagem exaustiva desse mecanismo psicológico em *Para além de bem e mal*. Entretanto, ele afirma que os judeus teriam deflagrado a “rebelião dos escravos na moral”, e invertido os valores nobres (Cf. *BM* 195). Numa referência explícita a *BM* 195, ele confirma na *Genealogia* a sua procedência: foram os judeus, enquanto povo de sacerdotes, os progenitores dessa inversão. Os cristãos aprimoraram com maestria a herança dessa nefasta inversão (cf. *GMI*, 7). É significativo que Nietzsche retome a tarefa de investigar de modo psicológico e histórico a procedência dos valores cristãos na *Genealogia da moral*, pois em *Para além de bem e mal* ele se preocupa mais com os desdobramentos da “última grande rebelião de escravos”, que teria iniciado com a Revolução Francesa. Nesse sentido, a moderna “moral de animal de rebanho”, e, especialmente, o “movimento democrático” seriam heranças do movimento cristão de inversão de valores (cf. *BM*, 202). Nietzsche expõe com muitas esperanças a tarefa afirmativa da “transvaloração dos valores” aos novos filósofos (Cf. *BM*, 203) – sem uma exaustiva genealogia dos valores cristãos.

As contribuições “para a história natural da moral” em *Além do bem e do mal* de modo algum são especulações estéreis. A investigação *histórica* dos valores morais cristãos com base no mecanismo psicológico do ressentimento, mesmo que questionemos seu teor de ‘verdade’, poderia ganhar um novo impulso com as considerações fisiológicas e médicas. Entendo que Nietzsche teria percebido que os preparativos para a “tipologia da moral” em *Além do bem e do mal* possuiriam um caráter incipiente, e os parques materiais reunidos não seriam suficientes para a comprovação da diferença básica entre os modos de valorar do nobre e do escravo. O Filósofo com pretensões naturalistas reconhece que precisa desenvolver mais

⁷ Cf. EH. Por que escrevo livros tão bons, *Genealogia da moral*.

⁸ Para Christopher Janaway, a ‘verdade’ da Primeira dissertação, o nascimento do cristianismo a partir do espírito do ressentimento, teria um caráter psicológico. Para fazer a transição da tarefa descritiva para a adoção de novas atitudes valorativas, Nietzsche precisaria recorrer à arte. Assim, Janaway tenta mostrar que haveria uma culminância artística na obra, como novo critério de avaliação e afirmação de si (cf. JANAWAY, 2007: p. 90-92). Questionamos essa interpretação, pois o modo como Nietzsche encerra a primeira dissertação da *GM* não permite articular a fisiologia com o problema do valor por meio da arte.

suas hipóteses genealógicas. Os esclarecimentos e complementos a *BM* na primeira dissertação apontam bem para o aprofundamento das pesquisas históricas e psicológicas, mas desenvolvem pouco a fisiologia e medicina, malgrado reconhecer sua importância na nota conclusiva.

Na Primeira dissertação da *GM*, o ressentimento opera como um mecanismo de inversão de perspectiva em relação aos valores e à vida. A rebelião dos escravos na moral teve início “quando o ressentimento se torna criador e gera valores” (*GM I*, 10). Trata-se do “ressentimento de seres aos quais é negada a verdadeira reação (dos atos)”; daqueles que “somente obtêm reparação por uma vingança imaginária”. O “homem do ressentimento” é um tipo básico, mesmo quando Nietzsche trata historicamente os judeus, uma “tal raça de homens do ressentimento”, que, com seu espírito de vingança, teriam investido os valores nobres. Da “*grande política da vingança*”, do “tronco da árvore da vingança e do ódio” dos judeus, teria brotado o amor cristão, com a mesma finalidade: propiciar a vitória da plebe. Temos agora a articulação de investigações históricas com uma abordagem psicológica. Antes de mais nada, o genealogista quer detectar a “inversão do olhar que estabelece valores” (que se volta para fora, em vez de voltar-se afirmativamente para dentro de si), particularmente do modo de valoração sacerdotal. Nietzsche parece aqui encontrar um equivalente fisiológico para sua psicologia moral: “ela (a moral escrava) necessita, fisiologicamente falando, de estímulos externos para poder agir...” (*GMI*, 10).

Que valores geram a impotência e o espírito de vingança dos sacerdotes? Precisamente os valores opostos à equação de valores aristocrática: “bom = nobre = poderoso = feliz = caro aos deuses” (cf. *GMI*, 7). Somente depois de analisar etimologicamente os significados de “bom” em algumas línguas, o genealogista irá investigar a interiorização e intensificação das oposições de valor. E num plano mais básico que o linguístico: são as causas fisiológicas, o que há de patológico (neurastenia, fraqueza intestinal) nas aristocracias sacerdotais, que dão à luz a valores morais decadentes, aos remédios e artes médicas, que tornam o homem mais perigoso e mais doente (Cf. *GMI*, 6).

A fisiologia opera nesse contexto da genealogia para diagnosticar as causas e os sintomas doença. Ao ‘dizer-não’ para o odiado nobre, ao voltar-se para fora de sua existência malograda, o sacerdote propriamente não *gera*, mas *inverte* valores. Definem-se, a partir dessa inversão básica do que é bom, quais são os valores dos escravos, quais as receitas médicas que tornarão o doente ainda mais doente. Assim, quando Nietzsche conclui a Primeira Dissertação, a “crítica da ciência médica” serve para reforçar as consequências nefastas dos valores da moral dos escravos no corpo inteiro da humanidade e nos indivíduos infectados por essa doença da vontade.

Historicamente, os escravos, com sua moral de rebanho, venceram. Novamente, a referência à medicina: essa vitória seria um envenenamento no “corpo inteiro da humanidade” (*GMI*, 9). Apesar disso, Nietzsche não se cansa de descrever os traços típicos do caráter do nobre (cf. *GMI*, 10). Enquanto o oposto, o “homem do ressentimento” não é “franco, nem ingênuo, nem honesto e reto consigo”; ele ama os refúgios, cultivará a vingança, a inteligência... Na moral do

ressentimento, mau (*böse*) é uma posição de caráter original, à medida que torna em inimigo mau o bom da moral nobre. Teremos de encontrar os valores e virtudes dos ressentidos nos opostos do nobre, como determinações do bom: “bom é todo aquele que não ultraja, que não fere, que não ataca, que não acerta contas, (...), como nós, os pacientes, humildes e justos” (*GMI*, 13); é um processo moral que transforma a impotência em ‘bondade’. A humildade, a obediência, a justiça e a paciência surgem por um processo semelhante (cf. *GMI*, 14).

A psicologia do ressentimento é especulativa, se não conseguir mostrar como opera efetivamente esse mecanismo psicológico. Nietzsche busca essa efetividade na abordagem ‘medicinal’ das patologias, ou melhor, ao tratar o niilismo⁹ como uma doença que atinge o organismo inteiro da humanidade, dissolvendo hierarquias. Há uma surpreendente articulação entre a aversão (fisiologicamente afirmada) ao “homem”, com a metanarrativa histórica do niilismo, que aparece em *GMI*, 12. Em contraposição à “besta louca”, que jaz no fundo de toda raça nobre ascendente, temos os decadentes descendentes dos escravos, em especial “a população pré-ariana”. Ali estaria o grande perigo do niilismo: o apequenamento e nivelamento do homem europeu. Contra esse cansaço niilista do homem, o Nietzsche terapêutico quer reacender a “fé no homem”. A retomada das investigações genealógicas no parágrafo 13 da primeira dissertação não consegue mascarar o caráter extremista e generalizante de sua interpretação niilista da história da moral. As esparsas investigações fisiológicas e médicas são fundamentais para o diagnóstico da doença do homem moderno, no sentido de distinguir a constituição fisiológica sadia da doentia, na forma como se manifestaram em tipos de morais e valorações contrapostas – dos senhores e dos escravos.

III

Nietzsche expõe fisiologicamente na *GM* as causas para o surgimento dos malogrados, desenvolvendo as hipóteses genealógicas de *JGB* e do escrito de Lenzer-Heide, “O niilismo europeu”. No início de *BM*, ele pretende “praticar fisiologia com boa consciência”, pois o que mais conta são as “exigências fisiológicas”, a “constituição fisiológica”. No escrito de Lenzer-Heide, sua compreensão de fisiologia é aplicada ao problema do niilismo, através da anamnese, do diagnóstico e do prognóstico da doença que acomete os fracos e malogrados¹⁰.

⁹ No Prólogo da *GM*, a moral da compaixão é vista como a “última doença” da vontade, que se volta contra a vida afirmativa, e que se alastra sempre mais, de modo a tornar doentes até os filósofos. Nietzsche indaga se esses “inquietantes sintomas” da cultura europeia não conduziram ao niilismo. Cf. *GM*, Prólogo, 5.

¹⁰ Ele já está convencido da importância da fisiologia para seus estudos da moral quando se lança aos estudos da “*Mechanik der Wärme*”, de J. Robert Mayer (abril de 1881), assim como das leituras de W. Roux, Caspari, de J.G. Vogt, de Dühring e de O. Liebmann nos meses seguintes. Os resquícios dessas leituras são esparsos, mas persistentes (p. ex., a influência da leitura de Mayer, no póstumo que Nietzsche entende serem “os processos fisiológicos desencadeamentos de força [*Kraftauslösungen*]” (KSA 11, FP 27[03] verão - outono de 1884). Mesmo que em julho de 1886 ele se dedique ainda a estudos de fisiologia, da obra de Nägeli (*Mechanisch-physiologische Theorie*

O genealogista Nietzsche explana fisiologicamente as causas do surgimento dos malogrados, no escrito “O niilismo europeu”, do mês anterior à elaboração da *GM*: “O que significam agora “malogrados”? Sobretudo *fisiologicamente*. A espécie *mais doentia* de homem na Europa (em todas as classes) é o solo desse niilismo”¹¹. A constituição fisiológica dos malogrados seria, desse modo, determinante na história da moral do ressentimento, assim como na história do niilismo europeu.

A fisiologia da moral¹² revelaria a constituição fisiológica dos sofrendores e malogrados, ao mostrar o elo causal entre a debilidade fisiológica e os valores gerados e transmitidos pelos adeptos da moral dos escravos (malogrados, fisiologicamente falando). Se Nietzsche investiga as ‘causas fisiológicas’ e os fenômenos fisiológicos ocultos das valorações morais, com um inconfessável *partis pris* valorativo (das valorações dos nobres), a genealogia está longe de ser uma explicação axiologicamente neutra. O problema é que Nietzsche não se restringe a explicar a procedência dos valores morais a partir da fisiologia humana. Ele pressupõe e afirma que há ‘fatos, ‘realidades’, ‘valores’ fisiológicos, como se essas três instâncias tivessem o mesmo estatuto ‘natural’. Por outro lado, as valorações morais já teriam afetado a fisiologia humana¹³, constituindo uma marcha histórica doentia-niilista (tarefa da psicologia moral). Seria a mesma coisa falar em *fatos* fisiológicos e *valores* fisiológicos? É importante notar aqui o sentido da elaboração nietzschiana da “fisiologia da moral”. A questão decisiva é determinar a natureza dos instintos e afetos: eles estariam no centro vivo da natureza, como vontade de se expandir e dominar; no homem, contudo, a posição de valores a partir dos impulsos indica para uma forma singular de dominar a natureza interior e exterior.

A contribuição nietzschiana estaria na afirmação de que todos os afetos humanos são “movimentos fisiológicos” [KSA 9, 11 (128)]. Assim, na base de todos os valores e juízos de bem e mal haveria “fatos fisiológicos”. A partir da época de elaboração de *Além do bem e do mal*, as investigações fisiológicas e psicológicas de Nietzsche aglutinam-se na noção de vontade de poder (não é nosso intuito investigar se Nietzsche de fato opera o deslocamento da fisiologia da moral para a fisiologia da vontade de poder). Somente o **investigador histórico-fisio-psicológico da moral** teria a chave (e as arte médicas) para desvendar a hipocrisia moral dos instintos comunitários do rebanho. Entretanto, ele não está em condições de abrir caminho ao futuro criador do homem. Não há uma explicação exaustiva de como

der Abstammungs-Lehre), o interesse crescente é pela psicologia de Bourget, de Féré (1888) de Dostoievski, e por estudos de Taine, Renan, Stendhal, Spencer, Spinoza. Apesar disso, Nietzsche não logra a unificação da fisiologia com a psicologia. Vige ainda a perspectiva de que as “refutações corretas são fisiológicas” (KSA 11, FP 26[316] – verão – outono de 1884). Ainda em 1888 (KSA 13, FP 14[184], as perspectivas de cada centro de força em relação a todo o resto são vistas como valorações (*Wertungen*) determinadas, como forma de agir e resistir.

¹¹ KSA 12, FP 5[71] – 10 de junho de 1887.

¹² Acerca da “Fisiologia da moral”, cf. KSA 11, FP 27[37] Verão – outono de 1884.

¹³ Segundo P. Wotling und C. Denat há uma ligação estreita entre ‘valor’ e ‘pulsão’: «Les instincts, affects ou pulsions sont les processus interprétatifs réglés sur ces préférences axiologiques dans l’organisation de la vie, et hiérarchisés en fonction de ces préférences. Ils sont des valeurs en acte. Sous l’angle psycho-physiologique, ces préférences fondamentales que sont les valeurs expriment les besoins capitaux de l’organisme qui évalue [...]». DENAT & WOTLING, 2013, p. 266. Os valores seriam “preferências inconscientes”; os impulsos, no entanto, traduziriam as tendências instauradas por esses valores. Em relação à moral dos escravos, não haveria um círculo vicioso, tendo em vista que as preferências inconscientes desde sempre são doentias?

valores, conceitos e juízos morais procedem de estados fisiológicos. A dificuldade consiste em trazer à luz do dia os processos fisiológicos ocultos nas ações, sentimentos e pensamentos humanos, devido à sua complexidade e entrelaçamento no processo histórico-cultural de surgimento e transmissão de valores. Se a tarefa da ética for, conforme afirma G. Moore “diferenciar valores em termos de ‘hierarquia fisiológica” (Cf. MOORE, 2002, p. 81 s.), não haveria nenhuma diferença relevante entre ética e fisiologia. Tanto os processos fisiológicos quanto a moral dos senhores possuiriam uma natureza normativa (imperativa). Ao entender que o corpo, enquanto “descomunal unificação de seres vivos”, está ordenado hierarquicamente em atividades superiores e inferiores, Nietzsche compreende a síntese descomunal (autorregulação) do corpo como um “problema moral”. O problema consiste em transpor termos morais como mandar e obedecer para o campo da fisiologia, como se no corpo de fato existisse uma “pluralidade regente” e uma “aristocracia” (cf. FP 1885, 37[4]), como se entre moral e fisiologia operassem as mesmas forças passíveis de hierarquização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início e no final da *GM* Nietzsche critica o modo como o plebeísmo das ideias modernas se imiscuiu na fisiologia e nas ciências naturais (Cf. *GM* I, 4 e 17), principalmente nos psicólogos e biólogos ingleses. É incontestável a importância da fisiologia na Primeira Dissertação da *GM*¹⁴ para a crítica aos valores dos malogrados. Assim como as duas dissertações seguintes, a Primeira dissertação reforça mais a tarefa descritiva, que seria preliminar à tarefa da transvaloração de todos os valores¹⁵. Se o cristianismo foi a “grande revolta contra os valores *nobres*”, a tarefa ‘terapêutica” não consistiria simplesmente em restabelecer o modo de valoração dos nobres do passado. Nietzsche expõe “fatos fisiológicos” (*physiologische Thatsachen*)¹⁶ sobre a “natureza humana” para explicar como os valores cristãos se originaram do ressentimento dos malogrados. Apesar de se empenhar em mostrar como os valores da moral do ressentimento contaminaram o corpo inteiro da humanidade, ele pouco desenvolve as causas fisiológicas necessárias para a criação de valores da nobreza futura. Nem como os novos valores transformarão a fisiologia e os modos de sentir do homem.

Na terceira dissertação da *GM* a aplicação da fisiologia à doença da vontade é mais desenvolvida, por meio das explicações fisiológicas acerca da narcose e da auto-hipnose (cf. *GM* III, 17 e 20); do mesmo modo, a investigação das ‘verdadeiras’ causas fisiológicas do mal-estar dos doentes e sofredores, como “a enfermidade do nervo simpático” (Cf. *GM* III, 15); a importância da digestão e da assimilação (cf. *GM* III, 16). Se a medicação dos sacerdotes ascéticos não é

¹⁴ Apesar de ser exagerada a importância dada à fisiologia e à medicina em EH (Por que escrevo livros tão bons, 3.16), quando afirma que, desde o final da década de 1870: “[...] de fato, nada mais pratiquei a não ser fisiologia, medicina e ciências naturais – mesmo a autênticos estudos históricos retornei somente quando a tarefa a isso me obrigou imperiosamente”.

¹⁵ Cf. EH. Por que escrevo livros tão bons, *A Genealogia da Moral*.

¹⁶ Acerca do emprego do termo *Physiologische Thatsache*, cf. KSA 9, FP 11(112) Primavera – outono de 1881, KSA 11, FP 25(226) – primavera de 1884, KSA 10, FP 7(87) e KSA 10, FP 7(125) Primavera – verão de 1883.

nenhuma cura efetiva dos doentes, em sentido fisiológico, Nietzsche propõe um projeto que seria muito promissor: “a fisiologia da estética” (Cf. *GM* III, 8). A determinação da hierarquia dos valores, no entanto, é postergada.

A fisiologia e a medicina seriam *meios* para a obra futura do Filósofo? Esse Filósofo do futuro seria essencialmente legislador e criador de valores. Não fica claro, contudo, como esse Filósofo irá resolver o problema do valor, de “determinar a hierarquia dos valores”. Essa tarefa é a transvaloração, mas as tarefas preliminares precisam ser antes desenvolvidas. Assim, a divisão de trabalho, na qual aos historiadores e filólogos caberiam os estudos históricos da moral; aos fisiólogos e médicos o interesse pelo problema “valor das valorações até agora existentes”, é feita em vista dos fins terapêuticos. Se cada ciência particular deve se perguntar para que serve cada valor, o Filósofo do futuro ordenará o “bem dos raros” como hierarquicamente superior ao “bem da maioria”.

A concepção nietzschiana de hierarquia, na perspectiva adotada no final de *GMI*, é problemática em relação ao método genealógico, principalmente em sua aplicação à fisiologia e à história, devido ao engajamento de Nietzsche nessa luta entre os valores contrapostos, expressas na leitura niilista da história da moral. O “naturalismo da moral” é um projeto que pretende retroverter a moral à fisiologia, tentativa já difundida em vários autores do séc. XIX, como Herbert Spencer. O caráter próprio do ensaio de Nietzsche consiste em delinear a tarefa terapêutica – futura e ainda vazia – de criar novos valores aristocráticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DENAT, C.; WOTLING, P. *Dictionnaire Nietzsche*. Paris: Ellipses Éd., 2013.
- JANAWAY, Christopher. *Beyond Selflessness: reading Nietzsche's Genealogy*. New York: Oxford University Press, 2007.
- MOORE, G. *Nietzsche, Biology and Metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- NIETZSCHE, F. W. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe (KSA)*. 15 vols. Organizada por Giorgio Colli eazzino Montinari. Berlim: de Gruyter, 1988.
- _____. *Além do Bem e do Mal. Prelúdio a uma Filosofia do Futuro*. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *W. A genealogia da moral*. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *A gaia ciência*. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- RICHARDSON, J. *Nietzsche's New Darwinism*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- STEGMAIER, W. *Nietzsches Befreiung der Philosophie. Kontextuelle Interpretation des V. Buch der Fröhlichen Wissenschaft*, Berlim: De Gruyter, 2012.